

Atelier de traduction – Portugais : *La Splendeur du Portugal*, António LOBO

Dimanche 9 novembre 2014 / 9h00 – 10h45

Avec Carlos BATISTA

27 de Setembro de 1995

Não pode ser Luanda porque nunca estive aqui, uma cidade de indígenas construída por indígenas, ruínas amontoadas, pedaços de igreja, trastes na rua, lixo

e quando digo trastes não digo propriamente trastes digo prateleiras soltas fragmentos de baú bancos sem pernas canos torcidos tábuas descendo a bafa para morrer no mar e nos coqueiros do mar

estátuas quebradas estes pássaros

uma cidade a imitar outra cidade como os africanos nos imitam os gestos e a roupa, esboços de moradias, esboços de jardins, praças ridículas, prédios que se esqueceram de completar, escadas que não conduzem a nada, um duende de gesso num quintal que não há, uma cidade a que chamam Luanda

não pode ser Luanda porque nunca estive aqui

copiada de Luanda até na ilha em frente. no palácio do Governo, na fortaleza que não é a fortaleza de São Paulo é uma que eles copiaram e a gente olha de perto e percebe ser falsa, uma fortaleza como o duende de gesso no quintal que não há a lutar contra holandeses que não há também, canhões de cenário, muralhas de teatro, soldados de metralhadora a fingirem soldados, se empurrarmos com a mão, nem é preciso força, tudo aquilo cai num barulhinho oco e por trás madeira, pano, cabos, um tripé com uma lâmpada redonda de bastidores

o sol poeirento que se acende com uma ficha

— **Senhora**

os soldados apanharam o Fernando na picada da Chiquita, trouxeram-no de regresso à fazenda apertando-lhe os tornozelos com nós de cipó, de malares transformados em chagas azuis, uma pasta confusa no lugar da boca, as calças rasgadas até ao osso da perna, o Fernando de joelhos no terraço golpeado pelas botas da tropa, as coronhadas na cara, as fivelas de cinturão nos rins, o primeiro tiro e um estremeção, o segundo tiro e um bando de morcegos gritando o seu terror nos campos incapazes de sementes, tordos a embaterem nas tábuas do armazém em cujas trevas ratos do tamanho de perdizes iam soprando de fúria, um militar com divisas de cabo, as polainas do meu marido e um dos meus colares comprados na Europa, em Paris ou Bolonha, que eu pendurava na carrapeta do toucador, divididos entre eles numa gula de guinchos, o militar com divisas de cabo

(lembro-me do cheiro das azáleas pisadas, do tabaco barato e daquele mais distante de barro amassado e de raízes da água, do perfume da francesa no pulôver do meu pai quando voltava a assobiar do convento e da minha mãe abraçando-me a fazer-me chorar

— Pego na miúda e vou-me embora Eduardo juro que pego na miúda e nunca mais nos vês

um perfume ácido e doce e quente que perturbava os cravos nas jarras)

o militar com divisas de cabo, duas aspas vermelhas furta-  
das a um colega europeu no desconchavo da partida quando os  
batalhões se acotovelavam para o interior dos navios, surgiu  
atrás de mim a arredar a Josélia, introduziu uma fita na metra-  
lhadora, manobrou a culatra, o Fernando desajeitado e elástico  
principliou a saltar e a saltar e a saltar, com círculos encarnados  
nos sovacos, na barriga, no peito, e continuou saltando no ter-  
raço à medida que os vasos se partiam sozinhos e pedaços do  
comimão tombavam em silêncio até que o militar largou a metra-  
lhadora no rebordo do tanque, o Fernando finalmente em paz se  
chegava à terra como se a beijasse, os seters o observavam a  
meio caminho do medo e da fome, os abutres só maçã-de-adão  
e unhas caminhavam num andar cansado de perus espanejando